

# A reescrita textual: como aprimorar o texto do meu aluno?

Emílio Davi Sampaio

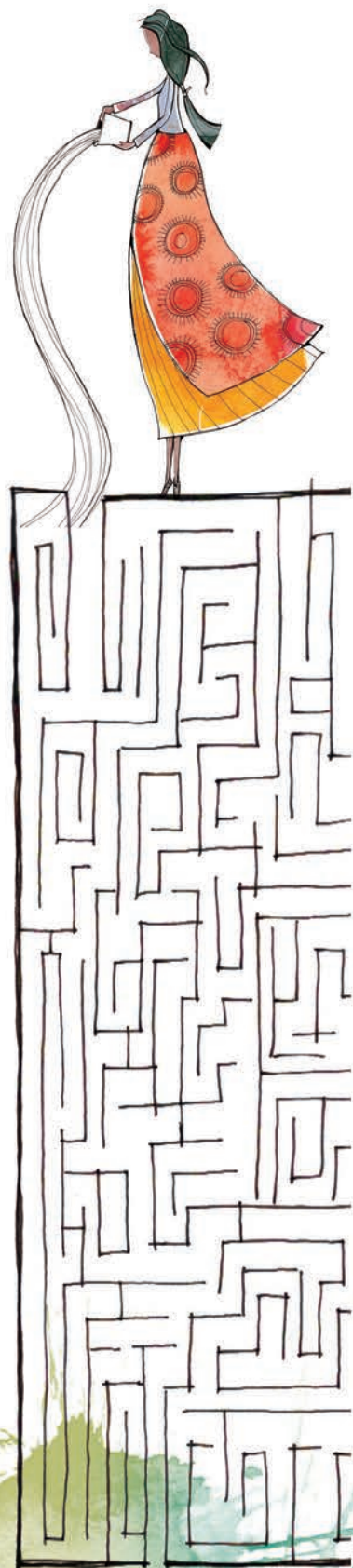
Os textos, produto de uma consciência criadora, raramente “nascem” prontos para serem apreciados pelos leitores, pois a escrita consiste num exercício que requer leitura, atenção e disciplina. Esse processo deve ocorrer mesmo diante da utilização da linguagem e criação literária, que considera o texto, principalmente o poético, no seu mais alto grau de plurissignificação.

Assim, podemos afirmar que a leitura que fizemos dos 125 poemas semifinalistas da 4ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, além de nos proporcionar uma viagem aos quatro cantos deste enorme país e conhecê-lo um pouquinho mais, fez-nos pensar um pouco sobre a questão da leitura e da reescrita textual. A viagem foi muito boa, pois nela descobrimos algo mais da fauna e flora amazonense, visitamos os vastos campos produtivos do Centro-Oeste, pudemos saborear a comida típica do povo mineiro, ouvimos o linguajar próprio do gaúcho, apreciamos o cordel do Nordeste, vivenciamos a pujança e a labuta do paulista; enfim, através das palavras dispostas num singelo papel, em forma de textos poéticos, conseguimos saber um pouco mais sobre o povo brasileiro e sua relação com o lugar onde vive.

Com a intenção didático-pedagógica de colaborar para que você, professor(a), possa desenvolver um trabalho mais eficaz com o **gênero Poema**, apresentamos, a seguir, dois textos comentados comparativamente, com o objetivo de apontar caminhos para a reescrita. Devemos esclarecer que o poema 1, intitulado “**O lugar onde vivo e seus problemas**”, foi escrito por mim, com o propósito de que ele sirva como exemplo para a prática da reescrita; o poema 2, que recebe o título “**Genocídio**”, foi, originalmente, escrito pelo poeta Emmanuel Marinho<sup>1</sup>. Portanto, este texto é um poema que contém valor e qualidade literária.

1. Disponível em <[www.emmanuelmarinho.com.br](http://www.emmanuelmarinho.com.br)>. Acesso em 27 de fevereiro de 2015.

**Emílio Davi Sampaio** é docente e pesquisador dos cursos de graduação e pós-graduação em letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Membro da Rede de Ancoragem da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.



Título comum. Lembrando que “O lugar onde vivo” é o tema da Olimpíada. Portanto, aconselha-se atribuir outro título ao poema.

### Poema 1

## O lugar onde vivo e seus problemas

Identificação temática repetitiva, empobrecendo o texto.

No lugar onde vivo, no meu bairro  
Tem criança que pede pão velho  
As pessoas respondem que não têm pão  
Para elas irem embora pro diabo  
À noite, a lua brilha e elas caminham.

Sentido denotativo, comum, não muito apropriado para o texto poético.

De novo, no outro dia, elas pedem pão velho  
As pessoas dizem que não têm pão  
Que elas têm comida pra elas  
Que têm empregadas domésticas  
Que têm eletrodomésticos, automóveis  
Mas que elas não têm pão.

Estrofe carregada de conectivos (que) e repetição do verbo “ter”. Ambos não exercem função nenhuma na construção poética do texto. A estrofe não apresenta ritmo.

As crianças voltam e batem palmas nas casas  
E novamente pedem pão velho  
Os moradores dizem  
Que eles têm supermercados, água encanada  
Pátria, edifícios, pinga, prisões  
Ofícios, armas e asfalto  
Mas que eles não têm pão.

... continua na página 14

Estrofe sem ritmo. Observe que, a partir do terceiro verso, foram utilizadas, praticamente, todas as palavras do poema da página ao lado, porém a disposição delas na estrofe é inadequada.

Título que instiga o leitor, fazendo-o pensar. Criada pelo autor, a palavra “genocídio” é um neologismo, que significa extermínio de etnias indígenas.

Poema 2:

## Genocídio

[crianças batem palmas nos portões]

[palmas]

### tem pão velho?

não, criança  
tem o pão que o diabo amassou  
tem sangue de índios nas ruas  
e quando é noite  
a lua geme aflita  
por seus filhos mortos.

[palmas]

### tem pão velho?

não, criança  
temos comida farta em nossas mesas  
abençoada de toalhas de linho, talheres  
temos mulheres servis, geladeiras  
automóveis, fogão  
mas não temos pão.

[palmas]

### tem pão velho?

não, criança  
temos asfalto, água encanada  
supermercados, edifícios  
temos pátria, pinga, prisões  
armas e ofícios  
mas não temos pão.

... continua na página 15

Identificação temática que assinala um lugar e um acontecimento.

Sentido conotativo. O poeta empregou uma figura de estilo: a personificação ou prosopopeia. Essa figura consiste em conceder vida a objetos inanimados.

Estrofe enxuta, sem termos inapropriados e desnecessários, com palavras bem articuladas, de forma que se produza ritmo agradável aos ouvidos. (Professor(a), não se esqueça de que é necessária a leitura em voz alta para verificar o ritmo do poema.)

Estrofe com ritmo. O poeta soube como ordenar as palavras na estrofe, de maneira que elas produziram ritmo cadenciado, próprio da linguagem poética. Fazendo-se a leitura em voz alta, notaremos que as palavras fluem, produzindo a eufonia, acomodada ao sentido e articulação das palavras.

Repetição inadequada dos conectivos “e” e “que”.

As crianças não desistem e pedem pão velho  
As pessoas dizem pra elas  
Irem andar pelas calçadas  
E passar fome e morrer noutro lugar  
E que elas têm cidades com luzes nas avenidas  
E que têm também índias suicidas  
Mas que elas não têm pão.

Sentido denotativo, não muito utilizado na linguagem poética.

As crianças voltam pedindo pão velho  
Todos respondem que  
Eles têm muitas outras coisas  
Que eles têm canhões, navios  
Computadores, satélites, mísseis,  
Usinas nucleares e radares  
Mas eles não têm pão.

**Emílio Davi Sampaio**

Estrofe sem ritmo. Observe que, como na terceira estrofe, as palavras dos versos três, quatro e cinco são, praticamente, as mesmas que as do poema em comparação; porém, elas não foram ordenadas para produzir eufonia.

... continuação do poema 2

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
tem sua fome travestida de trapos  
nas calçadas  
que tragam seus pezinhos  
de anjo faminto e frágil  
pedindo pão velho pela vida  
temos luzes sem alma pelas avenidas  
temos índias suicidas  
mas não temos pão.

Sentido conotativo,  
o que produz efeito  
poético significativo  
no texto.

Repetição do  
verbo “ter” e  
rimas consoantes  
em “avenidas e  
“suicidas”. Ambos  
os recursos  
reforçaram o  
sentido que o  
autor atribuiu à  
situação.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
temos mísseis, satélites  
computadores, radares  
temos canhões, navios, usinas nucleares  
mas não temos pão.

Estrofe com ritmo,  
devido à ordenação  
bem articulada das  
palavras. Ainda  
se nota o jogo,  
bem marcado, de  
rimas consoantes  
em “radares  
e “nucleares”  
e a repetição  
apropriada do verbo  
“ter” no segundo e  
quarto versos.

[palmas]

**tem pão velho?**

não, criança  
tem o pão que o diabo amassou  
tem sangue de índios nas ruas  
e quando é noite  
a lua geme aflita  
por seus filhos mortos.

[palmas]

**tem pão velho?**

**Emmanuel Marinho**



Caro(a) professor(a), o que apresentamos foi apenas um exercício ou modo de se trabalhar a reescrita textual. Nossa intenção foi a de lhe mostrar que é possível aprimorar o texto do seu aluno e deixá-lo mais bem acabado. Entretanto, não se pode dizer que não há outros caminhos; estes devem ser descobertos por você mesmo(a). Muito importante também é não se esquecer de ter em mãos, sempre, o Caderno do Professor *Poetas da Escola* e desenvolver, sequencialmente, as oficinas contidas nele, pois esse material é um importante instrumento pedagógico para o trabalho com a produção de textos poéticos.

Por outro lado, você, professor(a), deve ter observado que o poema “Genocídio”, escrito pelo poeta Emmanuel Marinho, contém forma e conteúdo adequados para se trabalhar com um **gênero** que durante muito tempo foi deixado de lado pela escola: **o oral**, este, no sentido de comunicação e expressão. Para que isso ocorra, é necessário que, aos poucos, se desenvolva a arte da **declamação** em sala de aula, isto é, que o aluno saiba “de cor” o texto para transmiti-lo oralmente a outros colegas e pessoas. E não podemos nos esquecer de que a palavra “de cor” é abreviatura de “de coração”. Sendo assim, deve-se, primeiro, permitir que o coração aceite o poema para depois enviá-lo “de coração pra coração”. Por fim, certamente, essa atividade vai possibilitar ao aluno uma melhora no desempenho de sua competência linguística e verbal como um todo.